

Inversamente, convém ir espontânea e prontamente em socorro dos amigos na adversidade, pois é característico de um amigo prestar serviços, especialmente àqueles que necessitam deles e não os pediram. Atitudes como esta são mais nobilitantes e agradáveis para os dois lados. Mas quando nossos amigos estão prósperos devemos juntar-nos prontamente a eles em suas atividades (eles também precisam dos amigos para isto); devemos porém demorar a aparecer para nos beneficiarmos de sua generosidade, pois não é nobilitante mostrar-nos ansiosos por receber benefícios. Mas devemos sem dúvida evitar a pecha de grosseiros, que mereceríamos se repelíssemos seus gestos generosos, pois isto às vezes acontece.

Enfim, a presença dos amigos parece desejável em todas as circunstâncias

12. Pode-se então concluir que, da mesma forma que para os amantes a visão da pessoa amada é o que há de mais agradável, e eles preferem a satisfação que lhes proporciona o sentido da vista às satisfações através de qualquer dos outros sentidos, porque o sentido da vista é a sede e a origem do amor, pode-se então concluir, repetimos, que para os amigos o que há de mais desejável é a convivência? Com efeito, a amizade é uma parceria, e uma pessoa está em relação a si própria da mesma forma que em relação ao seu amigo; em seu próprio caso, a consciência de sua existência é um bem, e portanto a consciência da existência de seu amigo também o é, e a atuação desta conscientização se manifesta quando eles convivem; é portanto natural que eles desejem conviver. E qualquer que seja a significação da existência para as pessoas e seja qual for o fator que torna a sua vida digna de ser vivida, elas desejam compartilhar a existência de seus amigos; sendo assim, alguns amigos bebem juntos, outros jogam dados juntos, outros se juntam para os exercícios de atletismo ou para a caça, ou para o estudo da filosofia, passando seus dias juntos na atividade que eles mais apreciam na vida, seja ela qual for; de fato, já que os amigos desejam conviver, eles fazem e compartilham as coisas que lhes dão a sensação de convivência.

Logo, a atividade das pessoas más é má (por causa de sua instabilidade elas se unem em atividades más, e além disto passam a ser más por se tornarem semelhantes umas às outras), enquanto a atividade das pessoas boas é boa, sendo incrementada por seu companheirismo; e pensa-se que elas também se tornam melhores por causa de suas atividades e por se aperfeiçoarem mutuamente; cada uma delas tira da outra o molde das características que ambas aprovam — daí o provérbio “Nobres ações de pessoas nobres”²⁹⁴. O que já dissemos sobre a amizade é suficiente; resta-nos agora falar sobre o prazer.

LIVRO X

1. Depois destes assuntos parece que devemos discutir o prazer. De fato pensa-se que ele tem ligações muito íntimas com nossa natureza humana, e é por isto que na educação dos jovens utilizamos para guiá-los o prazer e o sofrimento; pensa-se também que a fruição das coisas que devemos fruir e o desprezo pelas coisas que devemos desprezar têm a maior importância na formação do caráter conforme à excelência moral; estas coisas nos acompanham durante todo o curso de nossa vida e têm um grande peso e força em relação à excelência moral e à vida feliz, já que as pessoas desejam o que é agradável e evitam o que traz sofrimento. Parece então que o exame do prazer e do sofrimento não deve ser omitido de forma alguma, principalmente porque há muitas controvérsias quanto a ambos. Alguns estudiosos²⁹⁵ dizem que o prazer é o Bem, enquanto outros²⁹⁶, ao contrário, dizem que ele é totalmente mau (alguns dizem isto sem dúvida persuadidos de que se trata de um fato, e outros pensando que tem um efeito melhor em nossa vida apresentar o prazer como uma coisa má, embora ele não seja mau); realmente, a maioria das pessoas, segundo pensam estes últimos, inclina-se para seus prazeres e é escrava deles, razão pela qual as pessoas devem ser conduzidas na direção oposta, pois assim chegarão a um meio termo. Mas certamente isto não é correto. Na verdade, os argumentos acerca de assuntos relativos às emoções e ações são menos confiáveis que os fatos, e sendo assim, quando colidem com os fatos apreendidos pela percepção eles são desprezados e desacreditam também a própria verdade; se uma pessoa que parece desprezar o prazer é vista alguma vez buscando-o, pensa-se que sua inclinação para ele significa que todo prazer é desejável (as pessoas em sua maioria não são capazes de diferenciar). Os argumentos verdadeiros, então, parecem extremamente úteis, não somente com vistas ao conhecimento mas com vistas igualmente à própria vida; se eles se harmonizam com os fatos, merecem crédito, e assim estimulam as pessoas que os entendem a viver de acordo com eles.